



PAES CHAVES, Genisson*

<https://orcid.org/0000-0001-5091-9523>

BARBOSA MAGALHÃES, Sônia**

<https://orcid.org/0009-0007-9933-1131>

Resumo: Neste artigo analisamos o processo de ocupação da ilha Saracá, localizada no município de Limoeiro do Ajuru, no estado do Pará. Para tal, acompanhamos a história de Hormino Vulcão, bisavô de um dos autores, antigo morador da ilha e proprietário de parte significativa de seu território. Hormino Vulcão foi um homem muito rico e sua riqueza se deve a um baú encontrado carregado de ouro e posteriormente pelo estabelecimento de um pacto firmado com o próprio diabo. O trabalho foi elaborado a partir da autoetnografia e da etnografia. Nesse sentido, realizamos entrevistas e registros fotográficos. Os resultados indicaram que o afeto foi um dos elementos responsáveis pelo processo de ocupação da ilha, aliada à oferta de territórios disponíveis, bem como a inexistência de proprietários que a reivindicassem para si. O caso de Hormino Vulcão é um exemplo clássico deste processo, seguido por outras pessoas que se “engraçaram” pela ilha Saracá e a tornaram sua morada, local de trabalho e reprodução sociocultural.

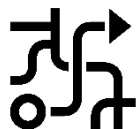
PALAVRAS-CHAVE: Processos de ocupação; afeto; Amazônia.

ABSTRACT: In this article, we analyze the process of Saracá Island occupation, located in the municipality of Limoeiro do Ajuru, in the state of Pará. To do so, we follow the story of Hormino Vulcão, great-grandfather of one of the authors, a former resident of the island and owner of a significant part of its territory. Hormino Vulcão was a very rich man and his wealth is due to a chest found full of gold and later to the establishment of a pact made with the devil himself. The work was developed based on autoethnography and ethnography. In this sense, we conducted interviews and photographed records. The results indicated that affection was one of the elements responsible for the process of occupation of the island, combined with the offer of available territories, as well as the lack of owners who claimed it for themselves. The case of Hormino Vulcão is a classic example of this process, followed by other people who “fell in love” with Saracá Island and made it their home, place of work and sociocultural reproduction.

KEYWORDS: Occupation processes; affection; Amazon.

* Doutor e mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pelo Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Embrapa Amazônia Oriental. Possui graduação em Ciências Sociais (UFPA) e em Pedagogia (Uninter). Professor da Secretaria de Educação do município de Parauapebas (PA). E-mail: paes.paesg@gmail.com

** Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1978), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1983), doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará e em Sociologia pela Université Sorbonne Paris Nord (2007), em co-tutela. Pós-doutorado pela Université Sorbonne Paris Nord (2018). Professora Associada na Universidade Federal do Pará, vinculada ao Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF), ao Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA) e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA). E-mail: smag@ufpa.br



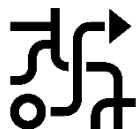
. INTRODUÇÃO

Neste artigo, discutimos o processo de ocupação da ilha Saracá pelo olhar de Dona Ana Maria, avó materna de um dos autores. Seguindo sua narrativa, compreendemos como a ilha Saracá, localizada no município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará, foi povoada. Imbricada a essa narrativa, compartilhamos a vida de Hormino Vulcão, pai de Dona Ana Maria.

Hormino Vulcão foi um homem muito rico. Muitas partes da ilha Saracá lhe pertenciam. Sua riqueza deve-se a um pacto feito com o diabo, já que ele era um simples pescador que também trabalhava no corte da seringa. A vida de Hormino Vulcão se entrelaça com a ocupação da ilha Saracá. Não há como entender sua formação sem levar em consideração a vida deste homem branco, alto e forte, respeitado por todos os moradores da ilha.

Este trabalho é fruto da tese intitulada “Visagens, Mizuras, Aparecimentos: aspectos da ontologia ribeirinha na ilha Saracá, município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará”, defendida no ano de 2024 pelo Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas (Universidade Federal do Pará e Embrapa Amazônia Oriental). Foi realizado a partir de uma imersão em campo que levou em consideração elementos vivenciados por um dos autores, que já morou na ilha Saracá durante parte de sua infância e que continua a visitá-la até o presente momento.

Portanto, combina elementos autoetnográficos na medida em que inclui as experiências (SANTOS, 2017) deste pesquisador-ribeirinho e etnográficos (MALINOWSKI, 1976; GEERTZ, 1973; OLIVEIRA, 1998; e PEIRANO, 2014). Durante a pesquisa, fizemos uso de observação participante, entrevistas semiestruturadas e conversas informais. As entrevistas contaram com o auxílio do gravador de celular.



2. CONSTRUÇÕES SOCIAIS DO PASSADO: PROCESSO DE OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO DA ILHA SARACÁ

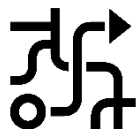
A ilha Saracá faz parte do município de Limoeiro do Ajuru,¹ estado do Pará. Está a cerca de 200 km de Belém, de onde se distancia oito horas de barco a motor ou cinco horas de lancha. Do município de Limoeiro do Ajuru, fica a meia hora de barco e, de Cametá, cerca de uma hora de lancha. Estes dois são os municípios mais próximos da ilha. Saracá é dividida em três áreas principais, conhecidas como Saracá de Cima, Saracá de Baixo e Saracá da Costa.

O Saracá da Costa engloba os rios² Três Barracas, Igarapé Grande, Caverna e Amândio; o Saracá de Baixo constitui-se dos rios Paxiba, Cobra e Mata Fome; e o Saracá de Cima, pelo rio Gregório (CHAVES, 2013). Os rios Paxiba e Gregório são os mais populosos. De acordo com Holanda e Simões (2017), há cerca de duzentas e cinquenta e cinco famílias na ilha.

A comunidade tradicional ribeirinha da ilha Saracá é formada por um grupo de pescadores. Esses pescadores são indivíduos nascidos na própria ilha; outros vieram

¹Carlos Fonseca argumentou que os primórdios da povoação de Limoeiro remontam a 1895, pois foi elevado à categoria de vila pertencente ao Município de Cametá pela Lei nº 924, de 6 de julho daquele mesmo ano. Ignácio Moura, por sua vez, relata na obra *De Belém a São João do Araguaia - Vale do Rio Tocantins* que, em 1887, a visitara e ainda era freguesia. E continua: "É um ou dois arruamentos de casas pequenas, porém alegres, que a família do geógrafo paraense Dr. Carlos Novaes pretende elevar à categoria de sede de comarca. Dispunha de uma pequena igreja católica, que lhe conferia o cunho cultural da terra, e de uma escola mista, regida por uma professora primária que distribuía a instrução às crianças da vila e dos arredores, onde quase não existiam analfabetos. Havia uma coletoria estadual independente da de Cametá." Possivelmente, a posição estratégica do furo do Rio Limoeiro, que dá acesso seguro do Rio Tocantins ao Baixo Amazonas, contribuiu decisivamente para a consolidação da localidade. Sabe-se também que, em 1911, já figurava como distrito do Município de Cametá. A denominação Limoeiro vigorou até 1961, quando passou a chamar-se Limoeiro do Ajuru. Na mesma época, tornou-se também uma unidade autônoma, com terras desmembradas dos municípios de Cametá e de Oeiras do Pará" (IBGE, 2024). Para maiores esclarecimentos sobre a história e geografia do município de Limoeiro do Ajuru, ver Sena (2007).

² Terminologia local empregada para nomear as comunidades da ilha Saracá (CHAVES, 2013).



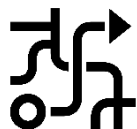
de ilhas próximas e de municípios locais, juntamente com parentes que construíram relações conjugais ou de pessoas que vieram à procura de trabalho, fixando-se de maneira definitiva posteriormente. As pessoas, de modo geral, são bastante hospitaleiras. São donas de casas, mães e pais de famílias geralmente extensas, que vivem rotineiramente dentro das matas e nos rios, à procura de alimentos, lazer, dentre outros. As principais atividades econômicas da ilha Saracá giram em torno da pesca e da extração de açaí.

Na tarde do dia 8 de janeiro de 2021, de sua rede, localizada dentro do quarto de sua casa de madeira, coberta por telhas de barro, situada no Rio Igarapé Grande, às margens do Rio Tocantins, Dona Ana Maria Ferreira Paes, avó de Genisson Paes, nascida em 1935 e atualmente com 89 anos, é convidada a nos apresentar o passado que povoa sua mente. A avó Ana, para nós a “vó” Ana, é uma mulher que teve treze filhos: um deles morreu nos primeiros anos de idade e outro não “vingou” devido a um peixe de espinhel, já que grávida não poderia comer esse tipo de peixe. Dona Ana nasceu na ilha Saracá. É a filha mais velha da união de sua mãe, Bernardina Ferreira, e de seu pai, Hormino Vulcão. Estudou até a quarta série no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA), localizado na cidade de Cametá (PA). Após a conclusão dos estudos dos filhos de seu irmão, fruto de uma união anterior, e do posterior padrasto, bem como da morte do pai, foi forçada a abandonar os estudos e a voltar para a ilha Saracá.

Já adulta, Dona Ana conhece Emílio da Cruz Paes, conhecido como “tio” Milico, e com ele teve doze filhos. O “tio” Milico nasceu na ilha Saracá. Foi filho de Mima, que morreu após seu parto. Foi criado pelas tias Joaninha e Santinha Paes. “Tio” Milico nutria grande tristeza por não ter sido criado pela sua mãe. Após a união, os dois foram morar no Igarapé Grande, onde Dona Ana reside até os dias atuais, já que seu marido faleceu no ano de 2017.

Reconstruímos a ilha Saracá, uma das mais populosas áreas insulares do município de Limoeiro do Ajuru³. A ilha que nos é apresentada é bastante diferente da

³O município foi criado no dia 29 de dezembro de 1961, através da Lei Estadual 2.460 (publicada no Diário Oficial nº 19.759). Em seu território, foi anexada parte do distrito de Joana Coeli, do município de Cametá, e parte do distrito-sede do município de Oeiras do Pará. Ajuru se deve a um papagaio de encontros vermelhos (Amazona aestiva), também denominado ajeru, jeru, juru e ajuru. Juru açu (ajuru grande) é igualmente conhecido como papagaio



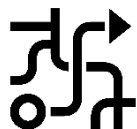
ilha do passado. Antigamente, era composta por poucas casas. Naquela época, não havia eletricidade; o uso de celular e televisão não fazia parte da realidade edificada às margens do Tocantins. Rádios eram poucos e funcionavam a bateria, sendo levadas para a cidade de Cametá (PA) para serem carregadas, permitindo que os ribeirinhos de Saracá pudessem escutar músicas e acompanhar as notícias que vinham de diferentes partes do Brasil.

Eram poucas, nesse Igarapé Grande não tinha seis casas! Seis famílias, lá, nas Três Barracas, que falam Três Barracas, eram três casas que tinha. Ficou com o apelido de Três Barracas... Três Barracas, Igarapé Grande, Caverna, ali de novo só tinha três moradores, duas famílias. Lá embaixo onde o Orlando [antigo morador, já falecido] morava, tinha de novo duas famílias, que era de um tal de Amândio... Agora passava ali onde o papai morava, era só o papai... Ali onde a Bernarda [irmã] mora, lá é o Abacatal. E lá pra baixo, vai, baixa, lá pra baixo ficava aí onde a tainhada, o pessoal do Bereca que moravam, que iam, que eram umas cinco casas de novo.... Aí onde a gente vai, que a Chila [sobrinha] mora, o Paxiba que chamam agora. Abacatal o nome, que vem vindo do Paxiba, daí ele sobe. Aí é nessa ponta onde sobra que é pra dobrar... Te lembrás da casa do Abel [antigo morador da ilha, já falecido]? Aqui esses uns que vão, que agora tem Jane [morador da ilha] ... Aí que dobrava, que era a casa do Abel, tinha a minha madrinha Cota que morava com os filhos; o Chico Viana, que era pai do Domingo Viana, do Gote, desse pessoal, moravam mais pra dentro um pouco do rio. E lá na boca do Gregório, ia indo, desse lado que é a casa do Humpheres [filho], ia indo, lá onde é a igreja, morava o Cazuza, com a família. Tinha umas três casas dele já com os filhos. Lá no Gregório, que faziam o Gregório, era o meu avô [materno], de um lado e de outro lado morava uma tal de velha Rosa, com dois filhos ou três. (Dona Ana Maria)

O relato acima é ilustrativo de uma época em que havia poucas casas. As famílias eram bastante limitadas; não havia, portanto, a mesma quantidade presente nos dias de hoje. Mesmo assim, é importante notar que todos os principais rios já estavam povoados no passado.

[A ilha] sempre [foi conhecida por] Saracá mesmo, agora tinha esses lugares assim, como eu estou te falando, lá embaixo era Amândio, aqui o Igarapé Grande, ali o Caverna, as Três Barracas, era dado para esses igarapés assim... Gregório na entrada do rio. Já existia esse nome, mas já que esses moradores que vieram primeiro iam dando. Mas essa ilha ela não era povoada, logo, logo, não.... Essa gente que vinha, vinha pra pescar. [Essa gente] de todos esses lugares daí, de cima, de Cametá, de município de Cametá, daqui, Limoeiro [do Ajuru], não era

moleiro, o maior da América do Sul. Por outro lado, ajuru é o nome genérico de pequenas árvores, da família das Rosáceas, sendo algumas espécies de fruto comestível, com madeira branca, dura e cheiro de óleo rançoso (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 1994).



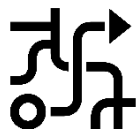
cidade, Limoeiro era uma vila [que pertencia a Cametá]. E aí eles vinham pescar, vinham, depois eles davam de fazer aquelas malocas que chamavam, né? Aquela coberta, eles já traziam a mulher, com um ou dois filhinhos, depois foram se localizando. [As pessoas também vinham do] interior de Cametá, de ilhas. (Dona Ana Maria)

Dona Raimunda Viana, conhecida como Tia Rai, de 78 anos, aposentada e moradora do Rio Gregório, disse que “veio um homem, o nome dele era Saracá, aí ele encostou na ilha (...) aí colocaram o nome da ilha Saracá. Por isso que o nome da ilha é Saracá”. Outra justificativa encontrada para o nome da ilha, em tom de brincadeira, revela que antigamente, na ilha, havia uma moça chamada Sara e que alguém a chamou utilizando a seguinte frase: “Sara, vem cá”. Essa foi a “origem” do nome da ilha Saracá. Conforme o relato de Dona Ana Maria, os primeiros nomes, como Gregório e Três Barracas, por exemplo, foram dados pelos primeiros moradores da ilha.

No caso do rio Gregório, acredita-se que um dos primeiros moradores daquele rio se chamava por esse nome. As Três Barracas devem seu nome ao fato de que antes só havia três casinhas, ou seja, três barraquinhas. Esse fato foi então incorporado pelos moradores, que até hoje se referem ao lugar como Três Barracas. O rio Igarapé Grande talvez tenha sido batizado por esse nome devido ao fato de ser um igarapé grande, isto é, largo e fundo. Não é, portanto, um igarapé que seca, ou seja, não dá para ver o seu leito. Já o rio Paxiba é bem provável que homenageie a paxiba, uma espécie de “tábua” fabricada a partir dos estipes dos açaizeiros e que, no passado, era comumente utilizada para a construção de casas, currais, galinheiros, passagens etc.

No passado, Ana Maria nos disse que tudo era diferente. A maioria das casas era feita de açaizeiros; o telhado era coberto com folhas da palheira, coletadas na ilha ou em lugares circunvizinhos. Quando não conseguiam pregos para erguer as casas, os moradores amarravam os açaizeiros e as tábuas com cipós coletados na mata. Os cipós, periodicamente, tinham que ser renovados devido aos desgastes causados pela ação do tempo.

As casas eram todas feias, a maior parte era de açaizeiro, coberta com palha, emparedado com miriti, bagaço de miriti e soalhado com a paxiba de açaizeiro. Quando tinha, a gente podia, a gente comprava o prego pra pregar, e quando não, a gente amarrava, com cipó ou com tala de miriti. Tudo amarrado e ficava



rodando... a gente ia pisando, pisando, quando tinha criança... quando dava, arrebetavam, né? Tinha que ir reamarrar. (Dona Ana Maria)

O “feito”, ressaltado no relato acima, está associado ao modo como as casas eram feitas, já que praticamente todas eram de açazeiros e cobertas com palha. Os açazeiros, devido à sua forma cilíndrica, escorregavam. Por isso, havia a necessidade de amarrá-los com cipós, com talas retiradas dos braços de miriti e, quando possível, com pregos comprados na cidade de Cametá. No geral, as condições financeiras não permitiam a compra de pregos para pregar as paxibas. Por isso, utilizava-se cipós e talas de miriti.

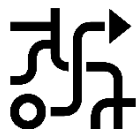
Fogão a gás não existia, meu filho. Até quando eu estudei lá, nesse INSA [tradicional colégio da cidade de Cametá], não existia fogão a gás [...]. Tinha motor, mas esse girado, motor que vira com a manivela, né? Nas casas não tinha, em parte nenhuma, energia. A luz era da lamparina, que a gente colocava querosene dentro, o óleo e acendia. [...]. Rádio tinha, na bateria... Era alguns, difícil mesmo tu ver uma casa que tivesse rádio. (Dona Ana Maria)

Em praticamente todas as casas, utilizava-se fogão à lenha. A luz vinha das porongas, lamparinas com pavio longo. O rádio era encontrado em poucas residências, geralmente entre as famílias mais abastadas. Naquela época, não existiam igreja, escola nem posto de saúde. Essas construções só vieram com o tempo.

Depois que passou uns tempos que começou a ter nas casas, a comunidade [culto/reza]. Só uma comunidade que tinha, do Cazuza [antigo morador] e nada mais, aqui no Saracá. Depois que fizeram uma igreja, que [é] essa agora, do Sagrado [Coração de Jesus, localizada no rio Gregório], depois de muito tempo... Meus filhos todos foram batizados na casa do Cazuza... [a casa do Cazuza ficava localizada] onde agora é a igreja [católica], pra cá um bocadinho, eles moravam. Quando a gente queria uma missa, a gente ia tratar o padre na cidade, eles vinham, então eles vinham em qualquer casa da gente... Mas era pago. (Dona Ana Maria)

Naquela época

Não tinha grupo [escolar], só tinha algumas casas que o papai pagava professora, na casa particular, assim, não existia grupo. Depois de um certo tempo que veio começar a ter. O primeiro grupo que teve era Jucundino Pereira Vulcão, era meu irmão, por parte de pai. Depois que caiu [que foi desativado] esse grupo e ele morreu [o irmão Jucundino], aí que eles fizeram este um que agora está [se referido à Escola Vilma de Nazaré Mendes, inaugurada no ano de 2002]. [...] Ele [o irmão] tinha morrido, então, quando fizeram esse grupo, colocaram, a prefeitura



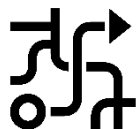
colocou o nome dele. Quando terminou, que fizeram esse outro grupo aí, tiraram o nome dele, ficou já da Vilma de Nazaré, que foi uma professora da ilha, filha da Zirda, morreu nova. [Jucundino] morreu velho. Meu pai deu o nome porque ele foi o segundo herdeiro, sabe? Que o papai foi o primeiro... das terras dele daí, que ele comprou, né? (Dona Ana Maria)

Genisson Paes estudou em uma dessas escolas que funcionavam na casa de um dos moradores da ilha. Ele passou por duas casas: a casa dos seus padrinhos e a casa de Dona Bete, localizada no rio Igarapé Grande. Em ambas as situações, o ensino era multisseriado, ou seja, em um único compartimento eram colocados alunos de diferentes séries, pois não havia espaço, tampouco alunos suficientes para que a oferta fosse organizada de outra maneira.

Além disso, sobre essa experiência, este autor recorda um dia em que teve que chegar à casa de seus padrinhos para ter aula, mas o Igarapé da Pata, que cortava o caminho, estava cheio e ele tinha que atravessá-lo. Ele deu uma olhada para ver se conseguia passar por cima de algo sem que se molhasse, mas, como não conseguiu, se despiu por completo. Ao chegar à outra margem, espanou a água com a mão, vestiu a roupa e foi direto para a escolinha. Isso aconteceu em 1998, quando o autor tinha 8 anos de idade.

Ao compartilhar sua percepção de um passado reconstituído pela memória, Dona Ana Maria conta como foi o percurso percorrido por seu pai até chegar a construir sua morada à beira de um dos rios que hoje lavam seus cabelos brancos.

O Saracá, pra bem dizer, mesmo, totalmente era bem poucos terrenos que não eram do papai. Tudo, tudo, era dele. [O papai veio] daí de cima... [nasceu no Itanduba, que pertence a Cametá], do Itanduba ele já se colocou num lugar que chamam Martelo, pra essa outra ilha, do Xingu [pertencente a Cametá] ... Ele comprou essa terra lá... De lá ele casou, que ele comprou essa terra e aí ele... Ele era cortador de seringa, ele foi pras ilhas, cortar seringa pra lá, pra tirar essa dita borracha defumada, que lá disque, disque não, foi verdade, que ele achou dinheiro em ouro... Porque ele tinha o depósito, um negócio grande, assim, de tampa de mármore. Tinha dez quilos, pesava, a gente metia açúcar dentro, ele tirou cheinho de ouro. [Ele achou] lá nas ilhas, ele foi cortar seringa pra lá.... Não era ilha, ilha, era varjão, essas varjas grandes [terra firme]. Quando ele achou e tirou esse dinheiro, ele não foi pro outro ano cortar, ele só cortou dois anos seringa pra lá... Depois dele achar o dinheiro ele se aquietou, aí que ele veio comprar terras pra lá, ele tinha muitas terras aí pra cima [região de Cametá], comércio muito grande, nesse Martelo. Depois, ele era muito femero, ele tinha as mulheradas, ele veio, até que se localizou pra cá [ilha Saracá], mas não com a mulher verdadeira dele, que era a mãe do Juquinha. Juquinha, Remuardo e Erundina eram os filhos de casal. (Dona Ana Maria)



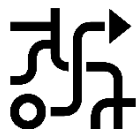
O relato acima ilustra um pouco das andanças que muitos percorreram até chegar a fazer das ilhas seu local de morada. Como fica evidente, o pai de Dona Ana Maria é filho de terras cametaenses, cidade esta localizada a uma hora de distância de lancha da ilha Saracá. No passado, as distâncias eram maiores, as embarcações eram mais escassas, não tendo a velocidade que muitas de hoje em dia alcançam.

Também é importante salientar o fato de que o pai de Dona Ana Maria era um dos poucos que, na época, detinha parte significativa do território da ilha. Como frisa, seu pai era dono de muitas extensões de terra, não somente na ilha Saracá, mas em outras localidades vizinhas. Como dito, essa ocupação inicia-se com a chegada de pescadores que, ao buscarem novos locais de pescaria, identificavam novas ilhas. Muitos desses pescadores chegavam e, quando percebiam que determinadas áreas não tinham proprietários, se autointitulavam donos. Logo depois, quando tinham condições, compravam áreas de seu interesse.

O pai de Dona Ana Maria tinha muitas extensões de terra porque era um homem muito rico. Ele foi comprando, com os bens que tinha, os terrenos de seu interesse. No passado, isto é, há mais de cem anos, a ilha Saracá não tinha tantos moradores como hoje.

Ele [o avô Hormino Vulcão] tinha terreno em vários lugares, Cametá Tapera, aqui em Cametá, muitos lugares ele tinha terreno, Xingu [Cametá], parece-me... O vovô, ele não deixou terreno, assim, dividido pros filhos, porque na época que ele morreu, os filhos estavam tudo pequenos, bem pequeno mesmo. Aí, a vovó ficou com esses terrenos tudinho, aí quando o velho morreu, ela se juntou com o velho Juquinha, que foi irmão da mamãe de pai e padrasto da mamãe. Aí que quando o velho Juquinha morreu, ficou só a vovó, com o tempo, eu já existia, quando a vovó dividiu os terrenos com os filhos. Então ela dividiu com os filhos. (Eliana Paes, 53 anos, mãe de um dos autores, filha de Ana Maria)

Após a morte do segundo marido, a mãe de Dona Ana Maria dividiu os terrenos entre os filhos. Como uma das herdeiras, Dona Ana Maria recebeu sua parte, juntamente com os quatro irmãos. Quando seus filhos se tornaram adultos, a maior parte já tinha família. Os terrenos foram divididos entre os onze filhos. Todos receberam extensões significativas de terra, o que confirma que Hormino Vulcão, seu pai, realmente era detentor de muitas terras na ilha Saracá.



Mas por que Hormino Vulcão tinha muitas terras? Dona Ana Maria disse-nos que seu pai achou dinheiro, muito dinheiro⁴, o que foi um dos fatores que contribuiu para a aquisição de terras.

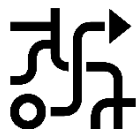
[Meu pai] era grandão, branco, loiro, brancão mesmo.... A mamãe era do Cuxipiarí [ilha pertencente à] Cametá. Ela nasceu lá [no] Mapiraí, fica perto de Cuxipiarí, mas ela se criou lá, ela nasceu lá, depois ela [com a família] se mudou aí, pro Cuxipiarí. De lá que ela veio rodando com o meu avô, colocaram aí na boca do Gregório. Ele [o pai] conheceu mamãe aí mesmo, aqui no Saracá. [Mamãe veio parar no Saracá] por causa do meu avô, que ele veio de lá, do Cuxipiarí, com negócio de pesca, se mudou pra cá, se apossou também de terras, sabe? Essa ilha não foi vendida, nem nada, nunca compraram, cada um que vinha, tomava conta... De lá que eles iam, cada qual, fazendo, como queriam mandar fazer... (Dona Ana Maria)

Dona Ana Maria sugere que foi por meio da atividade pesqueira que muitas ilhas foram povoadas. Os pescadores chegavam e se “engraçavam” por determinado pedaço de terra. Faziam uma pequena construção na beira do rio e, em outro momento, já vinham com a família, cachorros e papagaios. Os recém-chegados se apossavam da porção que lhes interessava e, assim, davam origem a um longo processo de ocupação que foi passando de pai para filho até os dias de hoje. Naquela época, era assim: não havia problema, bastava construir a morada e trabalhar pelo pão de cada dia. Nesse sentido, o trabalho e o afeto são dois elementos que contribuíram diretamente para a ocupação de ilhas até então “isoladas” ou “pouco povoadas”.

Abaixo há uma breve descrição de como se deu a chegada do pai de Dona Ana Maria na ilha Saracá:

Ele [o pai] veio primeiro só, ele se juntou com a Izabel Tavares, que era a avó desse Aldo Vulcão [sobrinho]. Quando papai veio, namorando ela [Izabel Tavares], quando eles se mudaram pra cá, ele trouxe ela, também, ela era lá do Acaracará [Cametá]... Teve uma filha com ela, que é a Aidê, que era mãe do Aldo e papai mandou fazer uma casa lá na boca do Paxiba, lá ela morava com ele. [Quando o pai chegou, construiu casa] aí onde a Bernarda [irmã] mora, de lá ele

⁴Dona Ana Maria contou-nos que seu pai achou dinheiro na época em que trabalhava como seringueiro. Posteriormente, fez pacto com o diabo, o que lhe propiciou uma vida estável e confortável durante muito tempo. Essa narrativa será apresentada de maneira detalhada, mais adiante



vivia com esse Didão, esse Didão era sobrinho dele e filho de criação. Aí também, ele começou a gostar da mamãe, que ele ficou com a mamãe, mandou fazer essa casa onde a Bernarda mora, viveu aí com a mamãe. E essa Maria Orina era aqui onde o Jinias [antigo morador] morava, no Caverna... [O pai tinha] três mulheres, quatro com a Madalena, que essa Madalena que era mãe do Honofre, do Pretinho, essa gente... Essa Madalena era lá de Boa vista [Marajó], ele trouxe ela. Daí ela morava lá no Caracará, essa Madalena, que ele teve uns quatro, cinco, ou seis filhos com ela... Lá ela morreu, morreu pra lá. Ela não chegou a morar pra cá [Saracá]. Pra cá foi só a mamãe, essa Maria Orina e a Izabel Tavares.

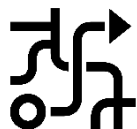
O relato acima sugere que o pai de Dona Ana Maria foi se apropriando aos poucos de parte da ilha Saracá. Como dito anteriormente, as pessoas chegavam e se apropriavam da parte que lhe agradava. Se determinado pedaço de terra não fosse ocupado, não havia problema em reivindicá-lo para si. Foi esse o caminho que muitos utilizaram. É o caso do pai de Dona Ana Maria e dos primeiros moradores da ilha.

Hoje, ao nos sentarmos na cabeça da ponte, avistamos um fluxo constante de rabudos, embarcações motorizadas, barcos com ou sem tolda e voadeiras. Os cascos já são poucos; com o tempo, perderam espaço para as embarcações acima mencionadas. No passado, Dona Ana Maria disse-nos que:

Tinha casco, tinha só mesmo ele, o casco, com motor, mas esse motor de assento, não tinha rabudo, não tinha disso ainda... Era tudo no óleo diesel, que funcionava. Mas não era tudo que tinha [barco a motor], não era, era difícil, bem pouco... Nessa época era o Juquinha [irmão e pai de criação] que tinha, a Antônia do Eusébio [antiga moradora], que morava aí nas Três Barracas, tinha o motor, depois o Pedro Xavier... Não eram motores grande... O papai que tinha duas lanchas grande, que era movida com lenha, que era a saracaense, que era a menor, mas elas eram grandes, mas a saracaense era menor... tinha cobertura, tudinho, desde banheiro. E tinha a lancha Vulcão, que quando eles entravam na boca [do rio], antes de entrar dentro do Gregório, eles davam uns apitos que chegava de ouvir a ilha inteira ... Mas era tudo movido com a energia da lenha, caldeira.... (Dona Ana Maria)

Antigamente, o açaí não tinha a importância econômica que possui hoje. Chegava a se estragar nos portos da cidade de Camaetá, pois muitas vezes não havia quem o comprasse. Quando isso acontecia, o conteúdo da rasa era despejado nos portos das feiras da cidade. Quando não havia, se estragava no mato. Os papagaios são que faziam a festa. Naquela época, as pessoas trabalhavam principalmente com a coleta de seringa para produção de borracha e a coleta de cacau.

De acordo com Santos (1980), após inicialmente ser apreciada como objeto de curiosidade pelos europeus, a demanda internacional pela borracha da Amazônia



começou a ocupar um lugar de destaque no século XIX, e isso se acentuou ainda mais nas primeiras décadas do século XX. Conforme Sena (2008, p. 91):

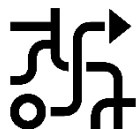
Vivia-se a era do automóvel e da borracha, e o mundo precisava da matéria-prima a qualquer preço. Durante o século XIX, praticamente toda borracha natural consumida no mundo era originária da Amazônia brasileira, levando o produto a competir com o café na formação do PIB brasileiro.

A demanda por borracha afetou o crescimento da população amazônica. Atraiu migrantes oriundos, especialmente, da região Nordeste do Brasil e imigrantes vindos das mais diferentes nacionalidades. Conforme Loureiro (2015, p. 16), os imigrantes vinham “atraídos pela possibilidade de fazer fortuna ou, pelo menos, de melhorar de vida nos trabalhos da borracha”⁵.

A ilha Saracá era um seringal. Antigamente, havia muita seringa no mato, mas, é claro, as seringueiras não se encontravam de forma homogênea, como nas áreas de monocultivo, mas espalhadas pelo mato, pois foram plantadas pela natureza e não pelo homem. Dona Ana Maria disse-nos que seu Emílio Paes, seu marido, conhecido como Milico, trabalhava no corte da seringa e juntava uruaá. O corte da seringa consistia em extrair o látex da ilha e vendê-lo aos comerciantes locais. Quando conseguia uma cambada de uruaá, vendia para os moradores. O uruaá era utilizado como recipiente para armazenar o leite, o “ouro negro”, que descia das veias da seringueira, a “árvore que chora” (BAUM, 1946). Consistia em amarrá-lo na árvore, de forma suspensa, para que o leite ficasse armazenado em seu interior.

Eu vi o pessoal, o Milico, quando casei com ele, ele inventou de cortar, mas ele cortava com a gente dele, ele cortou muita seringa com eles. [Aqui na ilha] muito! Muita gente [cortava]! [Tinha] muitas árvores de seringueiras, o velho Vulcão, o Juquinha que tinham terras, né? Tinha estrada, 120 seringueiras formavam uma estrada, uma estrada era roçada, demarcado lá 120 seringueiras. Agora cada um que vinha... os cortadores de seringa né, alugavam, né?... Quando é, por tanto, por mês. Aí eles davam duas meações, que chamavam, né? Tinha primeira, quando chegava no toco dessa primeira que vem certo aquele nó, aquela cortação assim, em linha certa. Depois tornava arribar pro outro lado já, outra aquele que vinha. [...] era, na ilha, nos centros, nas várgeas, tudinho era assim. As árvores eram assim, como tá aí pelo mato, espaçosa, só ia fazendo caminho, sabe, até chegar lá no toco. Ela era nova a Santinha [tia e mãe de criação do senhor Milico],

⁵ Do ponto de vista literário, há um belo romance que ilustra o trabalho nos seringais, ver: Ferreira de Castro (2014).



nesse tempo que eles cortavam seringa, ela estava novinha mesmo, Santinha, Borboleta [moradora do rio Igarapé Grande]... Pessoal do velho Alípio, a Lourdes Paes, a Zita, Perulita, essas cortavam seringa... Nhuca com a família, o velho Machico com a família, eram cortadores no verão, da seringa... Era só no verão, porque a chuva vinha e não prestava. (Dona Ana Maria)

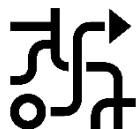
O pai de Dona Ana Maria foi um importante comerciante na ilha Saracá, pois contratava moradores da ilha para trabalhar em suas propriedades, especialmente para a coleta de seringa e de cacau. Conforme Almeida (2010, p. 294):

A exploração do cacau e a seringa configuraram a cena econômica por longos anos na região de Camaetá, até meados da década de 1970. Seguida da exploração madeireira, que antecipou a monocultura da pimenta-do-reino, duas matrizes em demasia caras ao equilíbrio ambiental.

Hormino Vulcão também comprava a produção de cacau de outros moradores da ilha para vender nas cidades de Camaetá, Abaetetuba e na capital Belém.

Ele [o pai de Dona Ana Maria] fazia viagem pra Cametá, Belém, Abaetetuba... A gente dele [do pai] quando iam, levavam a produção dele, né? Borracha, cacau, essas coisas... Ele comprava do trabalhador, tinha a mercearia, sabe, comprava, comprava e tinha a parte dele, do terreno, ele comprava a parte do trabalhador... Quando dava uma barcada, ele ia levar... Ele comprava em lote, açúcar, café avortado e jogava lá... pirarucu, charque, muito charque, feijão. [Comprava] em Cametá. [Compra] só pro consumo da família e pros trabalhadores que trabalhavam com ele, no mato dele. [Ele contratava os trabalhadores] pra fazer a coleta da seringa, da ucuuba, do azeite, da pipoca, a fruta da seringa, da lolota. [As pessoas que trabalhavam eram daqui da ilha], homem, mulher, [criança] também pelo meio que já dava conta de ir e vai lá.... Eu tinha uns dez anos pra frente.... Meu pai [já trabalhava] desde muito tempo, até quando eu era menor, mas eu me lembro, de dez anos pra frente eu me lembro. Quando o papai morreu eu estava muito criança, eu estava com onze anos. (Dona Ana Maria)

Os relatos de Dona Ana Maria são reveladores das atividades econômicas desenvolvidas no passado na ilha Saracá. Apontam indícios importantes para a compreensão das relações de trabalho e lazer, deixando evidente que os trabalhadores contratados eram residentes da ilha Saracá, que trabalhavam diretamente para o senhor Hormino Vulcão ou vendiam sua produção para este. Esses trabalhadores eram homens, mulheres e até crianças. Dona Ana Maria sugere que as crianças ajudavam seus pais nas atividades laborais e que essa participação era considerada natural, na medida em que o trabalho infantil, na época, era percebido



como ajuda, não tendo, portanto, a carga negativa que hoje assume em diferentes contextos.

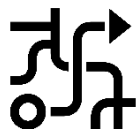
De modo geral, o trabalho ocupava parte significativa da lida diária dos ribeirinhos da ilha Saracá. As pessoas viviam pelo mato, acordavam nas primeiras horas da manhã, logo após o cantar das saracuras, uma ave que “chama o dia para amanhecer”. As famílias trabalhavam no corte de lenha, cuidavam das plantas e das frutas. Dona Ana Maria, por exemplo, levava os filhos para trabalhar no mato. Quem já dava conta ajudava no que podia. Os filhos mais velhos, especialmente as meninas, ficavam “reparando” a casa e as crianças menores. Quando não, iam juntamente com os demais apanhar açaí, levar os feixes de lenha para casa e confeccionavam paneiros para agasalhar as plantas para vendê-las nas cidades de Camaetá e Abaetetuba. As frutas eram preservadas para serem trocadas por alimentos, principalmente açúcar, café e farinha. Muitas vezes, eram colocados pedaços de malhadeira (rede de pesca) ao redor das árvores frutíferas para que os morcegos não as comessem.

A mãe de Genisson Paes disse-nos que sua mãe não deixava seus filhos comerem as frutas, pois estas eram cuidadas com muito zelo para serem comercializadas e trocadas por produtos que a família não conseguia produzir. Era por isso que, muitas vezes, ela comia as frutas às escondidas. Muitas dessas frutas eram trocadas com um comerciante da cidade de Camaetá, que recebia os paneirinhos de jambo, miriti, ingá, manga e tantos outros e, em troca, este fornecia café, açúcar, leite etc. Era uma troca que beneficiava a todos, pois as pessoas da cidade eram “loucas” pelos sabores da ilha.

Em relação às atividades econômicas desenvolvidas na ilha Saracá, não havia, portanto, especialização do trabalho. Todos participavam do que era possível. E, como já dito, no passado, o açaí não era importante do ponto de vista econômico, mas sim o cacau⁶, juntamente com a ucuuba, a andiroba, o plantio de plantas e a criação de animais, tais como galinhas, patos e corpos.

O exposto acima pode ser visualizado a partir do depoimento que se segue:

⁶ Inglês de Sousa (1973) em “O Cacaulista”, traz importantes elementos que nos ajudam a compreender a predominância do cacau enquanto atividade econômica de parte significativa dos amazônidas de tempos pretéritos.

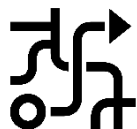


A gente trabalhava na casa, no mato, desde criança. Desde quando a gente se entendeu, a gente sempre trabalhou. A mamãe ensinou pra nós... do Nilson [segundo filho], porque o Humpheres [filho mais velho] não morava com ela, né? Até na Joana [irmã], que a gente, de manhã, levantava cedo, aí tinha aqueles tambor de alumínio, né? Aberto por cima, a gente tinha que encher água nele e deixar a cozinha toda cheia, todas as vasilhas, tudo no balde pequeno, de cuia... tinha que carregar água, não tinha vasilha grande... carregar água e deixar tudo cheio, no jirau, molhar as plantas, todos os jiraus de planta, que a gente plantava muita planta pra vender. Aí, era planta, de enfeite, planta que dá, abacateiro, limão, que dá fruta, a gente plantava tudinho pro papai vender em Abaetetuba. Aí a gente molhava todas as plantas, tinha que apanhar açaí pra deixar e aí a gente corria, jogava uma água nos nossos dentes, com cinza, porque não tinha creme dental, nem escova. E aí a gente tomava só um gole de café preto, pra sete horas estar na escola, lá no outro rio. Aí a gente ia no casco, num tinha nem roupa pra vestir, nada. Aí a gente, quando chegava de lá [da escola], isso de segunda à sexta, quando a gente chegava de lá, a gente comia, lavava todas as louças que tinha, aí daí a gente não descansava, a gente trabalhava. De tarde a gente ia embora pro mato, apanhar açaí, juntar seringa [lolota/semente da seringa], ucuuba... pra vender. Azeite pra mamãe cozinhar, pra tirar o líquido, o óleo pra vender. Aí a mamãe fazia sabão de cacau, queimava casca de cacau pra fazer sabão. Aí a gente tirava lenha, a gente pegava paxiba, que é na paxiba do açazeiro, do miritizeiro, era mais rápido pra queimar, pra gente queimar a casca e meter fogo nos tachos grande de azeite, que cozinhasse azeite, pra tirar na colher. Aí a gente não tinha sossego. Quando era de tarde, a gente jantava, porque comida, graças a Deus, nunca faltou. Porque era farto o Saracá, tinha peixe. Ou então a gente bebia mingau e se contentava com isso. Era isso. A gente trabalhava na casa e no mato. A gente não tinha descanso... Sábado e domingo, cedo, a gente pulava, trabalhava junto com a mamãe. Fazia lenha no mato, carregava. Apanhava açaí, trazia folha pro porco, cortava miriti pra porco. Tudo isso a gente fazia (Elia Paes, 53 anos).

Naquele tempo:

Num tinha nada, meu filho, de nada de lazer, nem nada, tinha esses barcos que entrava, marreteiro que vinham, compravam as coisas que tinham... borracha ou peixe que salgavam muito, num tinha aquele tempo gelo, tinha que cuidar, retalhar esse peixe, pra salgar, noutro dia tinha que ressalgar pra arrumar nos cestos [aí] o marreteiro passava, levava.... Era a lavoura da gente, a gente sobrevivia. (Dona Ana Maria)

De lá para cá, muita coisa mudou. Assim como as demais sociedades do globo, a ilha Saracá mudou bastante. Sofreu, direta e indiretamente, com as transformações internas e externas, especialmente com a construção da usina hidrelétrica de Tucuruí, com a desvalorização da borracha, com a chegada da televisão e com a grande importância que o açaí passou a ter na economia local e nacional.



3. UM ACORDO SINISTRO: O PACTO COM O DIABO

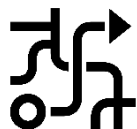
Dona Ana Maria conta a história do pacto que seu pai fez com o que ela denomina de “Fulano de Tar” ou “Berto”, referências para o que pode ser associado ao diabo. O pacto aconteceu por meio de um contrato realizado entre seu pai e o diabo, que apareceu na forma de um homem. Como qualquer pacto, uma das cláusulas dizia que nada iria lhe faltar, seja mulher, dinheiro ou quaisquer outras coisas que o contratado desejasse. Mas, caso o contratado morresse dentro do período do pacto, sua alma ficaria com o diabo.

Seu pai era um homem pobre que trabalhava coletando seringa. Em uma dessas ocasiões, no Marajó, minha avó não sabe informar ao certo o nome do lugar, já era tarde, já tinha passado o horário do almoço, foi por isso que ele resolveu mandar a esposa na frente para que ela fizesse o almoço. Ele ficou para coletar um resto de seringa que ainda faltava. Na volta, passou perto de uma grande árvore. Ali, ele viu um homem alto e forte. Então, se lembrou das histórias que diziam que ali era visagento, pois tinha uma visagem que aparecia para meter medo às pessoas.

Ao ver o homem, ele deu prosseguimento à caminhada e, quando estava quase para passar da árvore, o homem o mandou parar. Ele obedeceu e ficou imóvel. O homem disse que ele tinha sido o primeiro a enfrentá-lo, pois todos os outros tinham medo dele. Por isso, ele tinha que escavar as raízes da árvore, pois lá ele encontraria muito ouro. Mas ele tinha que escavar naquele exato momento, depois tinha que ir embora e nunca mais voltar. Foi o que ele fez.

Dona Ana Maria revela que seu pai fez pacto com o diabo. Como dito, o dinheiro recebido pelo contrato e o que foi achado fez com que Hormino Vulcão tivesse uma vida bastante confortável e cheia de regalias. Como já ressaltado por Dona Ana Maria, seu pai era tão rico que era praticamente dono de quase toda a ilha Saracá. Nesta ilha, tinha três mulheres, cada uma vivia na sua própria casa e ele nada deixava faltar para elas. No entanto, não se considerava o marido de nenhuma delas. E, como dito, as mulheres se sujeitavam a essa relação, pois naquele tempo tudo era mais difícil, as dificuldades eram mais nítidas do que as vivenciadas hoje na ilha, é o que ressalta.

Aí ficou, ele [o pai de Dona Ana Maria] ficou vivendo todo esse tempo, de lá ele veio fazendo pinta mesmo. Se ele trouxe essa Madalena do colégio de Boa Vista...



Ele tinha essa Maricota, já tinha a mamãe, já tinha a Isabel Tavares... E essa menina era nova, nova, estudante... Ela era disque bonita. Ele namorou ela, pra lá pediu pro pai, o pai não quis dar, ele marcou o dia e foi buscar ela em Boa Vista... Desde quando ele trouxe ela, nunca ela botou mais os pés lá. E ela teve todos esses filhos, o Pretinho, Olâmpio, a Magirona... Foi lá pra cima que ele colocou ela, no Caracará. Lá ela tinha uma casa grande, bonita, um comércio. [No Saracá ele tinha] três [mulheres], a mamãe, a Isabel Tavares e essa Maria Orina que morava onde o Armiro mora... [Ele morreu] de uns setenta e nem sei o quê anos... Aí ele ficou vivendo e assim, ele tinha o dinheiro e mulher, que quando elas queriam se encontrar... a Isabel Tavares que sempre ela era atrevida, lá vinha de lá teimar com a mamãe ou então com a Maria Orina aí. Quando foi um dia ele pegou elas teimando na ponte. Eu me lembro mal, mal, mas eu me lembro. E aí ele pegou no braço duma pra cá, “vai-te embora pra tua cozinha”, a mamãe que estava na casa “e tu Isabel embarca no casco e vai timbora. Por isso cada uma de vocês tem casa e se falta alguma coisa pra vocês me digam. E eu não sou o marido de nenhuma de vocês...”. E elas ó. Foi sim, coitadas, elas eram humilhadas porque não tinham... era miséria, não era frescura. E se sujeitavam, ele tinha o dinheiro não é? (Dona Ana Maria)

O dinheiro era tanto que, quando algumas das moedas caíam da cuia (ver figura 01), Hormino Vulcão tinha a prática de virar a cuia de cabeça para baixo, derramar o restante das moedas, dizendo: “leva diabo o resto!”. No outro dia, a cuia estava novamente cheia de moedas.



Imagem 01: Representação das moedas caindo da cuia. Desenho de Geovane Paes, 2024.

Dona Ana Maria conta que seu pai brigou com o diabo. Ela ainda era criança quando a situação aconteceu. O pai tinha um barco grande, o maior da ilha Saracá. De repente, ouviu-se um estrondo vir do barco. O pai então foi averiguar o que era e deixou a esposa e a filha na espera. Dona Ana conta que, quando o pai entrou na embarcação, diversos ruídos foram ouvidos. Era como se alguém estivesse brigando. Algum tempo depois, o pai surgiu ofegante e todo suado. Disse à esposa que nada fosse questionado. Passados alguns dias, foi que contou que, naquela noite, o diabo o tinha visitado, que os dois iniciaram uma luta corporal. Se o diabo vencesse, sua alma lhe pertenceria, mas não foi isso que aconteceu. O pai de Dona Ana Maria saiu vencedor (ver figura 02).



Imagem 02: Representação da briga com o diabo. Desenho de Geovane Paes, 2024.

Depois do ocorrido, ele então começou a perder tudo o que tinha. Aos poucos, foi perdendo a força, a bravura e o dinheiro. Chegou a perder a mulher para o filho mais velho. Hormino Vulcão morreu na ilha Saracá, na casa em que vivia Dona Ana Maria, sua mãe e seus irmãos. Ele foi cuidado por uma de suas esposas, Bernarda, conhecida como Dina, mãe de Dona Ana Maria. Ele era um homem alto e forte, e aos poucos foi definhando e se transformando em outro homem. Conforme mencionado, ele não teve forças para enfrentar o filho que ficou com sua esposa (ver figura 03).

E aí disque aquele homem, era um homem, bem moreno. E aí (...) esse homem moreno disse: “Olha Vulcão, de hoje em diante tu vai só ficar com a tua vida e tuas terras, mas aquela facilidade de dinheiro que tu fazias graça, derramava dinheiro fora, tu não vai ter mais”. E num teve mesmo, aquela raiva, aquela brabeza tudo, se o Juquinha tomou a mulher dele e ele num fez nada pro Juquinha, filho dele. [Ele já tinha quase setenta anos depois dessa briga e passou quanto tempo pra morrer?] não custou muito ele morreu. (...) [Ele] ainda penou muito, ele sofreu muito (...) ele inchou (...) E esse inchaço partia tudo ele. Ele não vestia roupa, era um camisão... Eu me lembro bem. Partia e saía, escorria aquela água. Aí (...) os médicos cuidaram dele (...) tornaram a ir pra cidade, levar pra consulta. Lá tinha um quarto grande que era dele, lá na cidade, na casa do velho Nelson Parijós. Ele já estava bem melhorado. Arranca essa escápula da parede, que ele estava na

rede e ele veio de cheio no piso. Daí pronto, foi sangue, sangue, arrebentou tudo (...). (Dona Ana Maria)

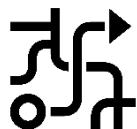


Imagem 03: Representação de Hormino Vulcão vendo sua esposa traí-lo com seu filho mais velho. Desenho de Geovane Paes, 2024.

4. CONCLUSÕES

Ao acompanhar a vida de Hormino Vulcão, pelo olhar de Dona Ana Maria, compreendemos como uma ilha até então “desconhecida” e pouco habitada passou a ser o local de reprodução social de diversas famílias. A ilha Saracá foi “escolhida” para ser o lar de diversas pessoas. Nessa escolha pesou o afeto, isto é, a relação de pertencimento que os novos moradores passaram a sentir diante de um território até então desconhecido.

Hormino Vulcão era um homem pobre, uma espécie de aventureiro que andou por diversas ilhas até chegar a se estabelecer definitivamente na ilha Saracá. Sua vida se entrelaça com esta ilha. Por meio de sua biografia, podemos acompanhar os ciclos econômicos da ilha Saracá. Vimos que a borracha e o cacau eram atividades de extrema importância que, com o tempo, foram substituídas pelo açaí, o tesouro das várzeas, a árvore da vida, da qual se aproveita até o caroço.



Com este artigo, tivemos a intenção de compreender um pouco da história de uma das mais populosas ilhas do município de Limoeiro do Ajuru e uma grande produtora de açaí local. Ressaltamos a dificuldade de se obter materiais acerca do processo de ocupação das ilhas do Pará. Talvez o que tenha acontecido com a ilha Saracá tenha ocorrido com as outras ilhas do Baixo-Tocantins, uma região constituída por diversas áreas insulares de variados tamanhos e habitada por diversos grupos sociais responsáveis pelo abastecimento de peixes, açaí, camarão, miriti, dentre outros, nos portos e feiras de cidades ribeirinhas, como Limoeiro do Ajuru, Cametá e Abaetetuba.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério. Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins. *Estudos avançados*, 24 (68), 2010.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. *História dos municípios do Pará*. Belém, domingo, 27 e segunda, 28 de março de 1994.

BAUM, Vicki. *A árvore que chora*. Rio de Janeiro: Edição da Livraria do Globo, 1946.

CHAVES, Genisson Paes. *Açaí na mesa: o circuito produtivo do açaí em uma comunidade da ilha Saracá (PA)*. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

FERREIRA DE CASTRO, José Maria. *A Selva*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2014.

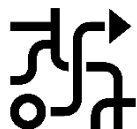
GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, p. 13-41.

HOLANDA, Bianca da Silva; SIMÕES, Aquiles Vasconcelos. *Estudo do Acordo de Pesca da ilha Saracá/Limoeiro do Ajuru*. 23f. Monografia. Especialização em Extensão Rural, Sistemas Agroalimentares e Ações de Desenvolvimento – Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.

IBGE. *Limoeiro do Ajuru*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=3761&view=detalhes>. Acesso em: 24/11/2024.

LOUREIRO, Violeta R. *História da Amazônia – da borracha aos dias atuais*. Belém: Cultural Brasil, 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.



OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. UNESP; Paralelo 15. Brasília; São Paulo, 1998, p. 17-35.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, Revista do Programa de Pós- graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, 2017, p. 214-241.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia (1800- 1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SENA, Cristovam. Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia. *Cadernos de história da ciência*, v.4, n.2. São Paulo, 2008, p. 89-108.

SENA, Antonio Ferreira de. *Limoeiro do Ajuru: História e Geografia*. Um estudo sobre o município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará. De Povoado à Vila; de Vila à Município. Coleção Novo Tempo Cabano. Vol. VI, Cametá, Pará, 2007.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. *O Cacauleta*. Belém: UFPA, 1973.

Recebido em: 20/09/2024

Aprovado em: 21/12/2024